

**“... APENAS UM ARABESCO EM TORNO DO
ELEMENTO ESSENCIAL-INATINGÍVEL” ***

**(Contribuição ao tema: A Patologia da Transferência
e da Contratransferência)**

*Deocleciano Bendocchi Alves ***
*Pérsio Osório Nogueira **

ESTA É UMA ESTÓRIA MUITO CONHECIDA NO BRASIL.

Havia um velho, um menino e um burrico. Havia os espectadores — o povão. Passou o menino montado no burro, o velho a puxá-lo. Que dizem? Coitado do velho! Tão velho puxando um burro e o outro, tão jovem, sentado no burro. Comentário ouvido, situação mudada. O velho monta o burro, o pequeno menino, a pé, puxa o mesmo. Comenta o povo — Que velho malvado! Sentado no burro não vê a canseira do menino. Que fazer agora? pensa o velhinho. . . Passam de novo — o burro tendo no lombo montados o velho e o menino. Que gente malvada! dizem, dois em cima de um pobre burrinho. Só resta uma solução; o velho hesita, mas, enfim, como deixar a multidão satisfeita?! Velho e menino carregam o burrinho nos ombros. E o povo novamente comenta: Que burrice, dois a carregar um burro!

Aprendemos uma lição e gostaríamos de aproveitá-la. Seja qual for o sentido que se dê a esta comunicação, não traremos satisfação. Nem a nós, nem aos ouvintes. Decidimos, então, escolher caminhos que nos apeteçam. . . , ouvindo e acolhendo os descontentamentos.

* Trabalho apresentado ao XII Congresso Latino-Americano de Psicanálise, México, fevereiro de 1978.

** Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

*** Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

O tema em foco talvez seja tão velho como nossa estória. Decidimos abordá-lo segundo pontos de vista que têm sido objeto de nossas preocupações, suscitadas por nossas experiências.

Certamente, estas reflexões não serão originais. Aqueles que nos conhecem mais de perto perceberão suas fontes. Os amigos descobrirão, facilmente, suas idéias entre as nossas, trocadas nas horas de reuniões, nas pausas para o café, e até mesmo nas calçadas ou na descontração de uma praia. Aqueles ainda mais próximos saberão muito mais, pois muitas das nossas palavras são na verdade suas. . . E aqueles que têm vocação de “Sherlock Holmes” descobrirão didatas, supervisores etc., em suas raízes, e, quem sabe, muitas coisas mais. . . É muito difícil ser-se original. E muito mais difícil, ainda, esquecer aqueles cujos pensamentos ou idéias foram fontes de inspiração e aprendizado.

A proposta — “A Patologia da Transferência e da Contratransferência na Psicanálise Atual” — em nossa realização, como se verá, talvez esteja melhor revelada pelas palavras do poeta — “. . . apenas um arabesco em torno do elemento essencial — inatingível”.

II

O que se está pretendendo quando se fala de “patologia da transferência”, ou “patologia da contratransferência”, ou mesmo “psicanálise atual”?

Sinceramente, não nos pareceu simples alcançar que sentido, e o que se pretende abranger como tema desta conversa.

Isto porque a proposta, em aparência clara e objetiva, em realidade é extremamente ampla e inespecífica. Por exemplo, na expressão “patologia da transferência” estamos falando do quê? Da teoria da transferência? Se é da teoria, de qual, ou quais teorias da transferência (freudiana? kleiniana? etc. . .)? Se é da “transferência como fenômeno clínico”, a quais fenômenos, abrangidos pela teoria, nos estamos referindo? Isto sem nos determos muito na questão que, dito desta forma, parece estarmos lidando com uma entidade, chamada “transferência”, que, como tal, poderia ser passível de “normalidade” e “patologia”. Neste contexto se introduz, então, um enfoque médico para os problemas psicanalíticos — a nosso entender um ângulo questionável. Pensar em

“patologia da transferência” traz à baila pelo menos dois pontos para meditação. O primeiro é que nos parece uma coisa tão esdrúxula como pensar na “patologia da gravidade” — será que teorias (e “transferência” não passa de uma teoria) são passíveis de sofrerem patologias? O segundo decorre de que “patologia” necessariamente exige uma “normalidade” e quem pretende possuir os critérios para o estabelecimento da mesma? Quem forneceria os parâmetros para referência, principalmente quando o próprio Freud, primeiro e genial desbravador desse complexo território que é a mente humana, se mostrou sempre tão cuidadoso e rigoroso em não colocar pontos de vista definitivos, em questionar-se e em reformular-se cada vez que os fatos clínicos assim o exigiam?

Para a “contratransferência”, questões e interrogações semelhantes podem ser colocadas.

E o que dizer de “Psicanálise atual”? O que é isto? Qual a medida da atualidade da Psicanálise? Para exemplificar nosso questionamento: em nosso meio, o trabalho psicanalítico se desenvolve ao sabor dos mais diversos vértices ou correntes (principalmente Freud, Klein e Bion) — será que algum desses vértices poderia ser acoimado de “falta de atualidade”, num momento em que tanto ouvimos e falamos da “importância das teorias de Bion”, ou da “importância da volta a Freud”?

Dentro deste universo de possibilidades que, de nosso ponto de vista, o tema abrange, fomos levados a acreditar que, na proposição, “transferência” e “contratransferência” foram tomadas como mais freqüentemente vemos na linguagem psicanalítica, como termos que abrangem todos os fenômenos da relação bipessoal, estabelecida entre analisando e analista. Estes se desenvolveriam, então, no “campo da transferência” ou da “contratransferência”, nosso trabalho se relacionaria às “interpretações de transferência”, e, talvez, nossos problemas se resolveriam com o estudo de sua patologia.

Isto implica num primeiro problema — de que as teorias da transferência, e da contratransferência, são capazes de conter (e explicar) todos os fenômenos da relação bipessoal. Este ponto de vista nos parece muito restritivo, além de facilitar uma confusão, freqüentemente observada, de que a relação não é mais tomada como tal, mas, sim, concretamente, em termos de uma das teorias

que tentam esclarecê-la, ou seja, como “transferência” ou “contra-transferência”.

Precisamos deixar assentado que, para nós, a sessão psicanalítica se estrutura em torno da observação das experiências emocionais desencadeadas pelo encontro pessoal entre dois indivíduos, que se disporiam a observar, investigar e refletir sobre o significado destas experiências, alcançando algum conhecimento sobre as mesmas.

Poderíamos, agora, tomar muitos caminhos para o entendimento dos fenômenos ocorridos nesta relação entre duas pessoas. Poderíamos tentar teorizá-los, poderíamos fazer uma revisão bibliográfica, consultando autores psicanalíticos e tecendo comentários sobre suas diversas contribuições, e muitas coisas mais. Mas estaríamos como o velho na estória contada, e muitos dos possíveis caminhos se constituem num peso demasiado grande para nós no momento atual.

Nossa contribuição será modesta. Apenas puxaremos o burro com a criança em cima, mesmo correndo o risco de fazer somente uma exposição sincera. Mas poderemos dizer como o poeta:

Gastei uma hora pensando um verso
que a pena não quer escrever.
No entanto ele está cá dentro
inquieta, vivo.
Ele está cá dentro
e não quer sair.
Mas a poesia deste momento
inunda minha vida inteira

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
Poesia até agora

Não que façamos poesia. Mas, o que escrevemos está cá dentro, inquieto e vivo. Fala de momentos, experiências que foram vividas.

Esperamos também, tratando-se de “mesa-redonda”, que possamos colher as contribuições e, sobretudo, a experiência dos nossos colegas, para enriquecer esta comunicação.

Quando, anteriormente, estabelecemos o que nos pareceu ser um freqüente universo e limite das teorias em causa, o fizemos

com a finalidade de considerar uma área que nos interessa particularmente abordar — a das restrições e distorções que o uso destas teorias pode trazer à compreensão do relacionamento analisando-analista.

Num primeiro ponto, repetimos o que citamos linhas atrás — as teorias como continentes de todos os fenômenos da relação, e sua concretização, a tal ponto que falamos de “o que se passa na transferência?”, ou “qual foi a contratransferência?”, quando estamos realmente nos referindo a experiências emocionais emergentes a serem pesquisadas, ainda desconhecidas e que talvez nem se esclareçam por essas teorias.

Parece-nos que a observação da relação estabelecida entre analista e analisando, naquele mesmo momento em que se dá o encontro, possibilita a compreensão de como uma pessoa — o analisando — constitui e dá significado às suas relações. Na observação e estudo da relação presente podemos inferir os fatores que entram em jogo na constituição de suas relações e situações internas. O presente analítico vai possibilitar a compreensão, e, talvez, reformulação das versões sobre as relações passadas; poderá, também, dar sentido aos relacionamentos estabelecidos em outros momentos de uma vida, bem como poderá permitir apreender o modo próprio, “sui generis”, característico de cada um, de concepção do mundo, de relações com outros seres e de constituição de seu mundo interno, fantástico ou realístico.

O não-entendimento completo desta situação pode levar a graves distorções, a nosso ver, quando o observado no momento do encontro, naquela “*experiência novidade*”, passa a ser explicado em termos de que foi desta ou daquela maneira no passado. A teoria da transferência, tomada como reviver do passado, em suas relações e angústias, no momento presente, é, a nosso ver, um possível fator restritivo que despoja o “novo” e o “desconhecido”, da experiência, de todos seus elementos a serem investigados.

Deste ponto de vista, como num trabalho arqueológico, juntando-se fragmentos e cacos de cerâmica se reconstrói um vaso ou outra peça, e da forma do objeto, e dos resíduos encontrados junto ou aderentes aos fragmentos, se infere um uso e mesmo costumes de um povo primitivo, que, ajuntados a observações do comportamento, hábitos, mitos e ritos do presente, alargam o entendimento

tanto desse presente como do passado, também o juntar de elementos das experiências presentes dá conhecimento de um modo de ser observável, o que nos permite então, se desejamos, inferir, compreender, formular aquele passado que já não é.

Aqui, uma inversão de sentido está contida — é o presente que nos permite tentar esclarecer o passado e não o passado (surgido numa versão que não podemos validar ou refutar; ou repetindo-se no presente conforme afirmação autoritária de uma teoria) que nos permite esclarecer o presente.

O Hamlet que fala, no III ato da peça de Shakespeare, com Ofélia ou com a Rainha-mãe, exprime em seus diálogos formas semelhantes de conceber relações com mulheres diferentes, onde os sentimentos e angústias expressados, dir-se-ia que revelam, nesta forma especial de relacionar-se com duas mulheres, uma forma própria de conceber relações amorosas entre homem e mulher. Usando como exemplo uma obra teatral, podemos ver como um autor genial transmite uma faceta de personalidade, experiências emocionais que dão autenticidade a um personagem, sem precisar apelar para explicações que dizem respeito ao comportamento infantil.

Estes problemas (restrição e distorção), para os quais estamos reclamando atenção, se estendem e alcançam até o diálogo analítico. Vemos freqüentemente o mesmo estar contaminado com uma linguagem de analogias entre situações passadas e presentes. As interpretações se tornam então eivadas de significados concretos, numa orgia de pai e mãe (como também seios e pênis...), chegando-se ao ponto de se poder detectar o estabelecimento de uma “linguagem familiar analítica” (os analisandos se reconhecendo então como “irmãos”, “filhos”, “netos” etc...). Uma leitura de fatos de observação, já difícil de se esclarecer numa linguagem coloquial, se entoldece mais ainda pelo uso de uma linguagem ritualística de iniciados, e o jargão predomina a tal ponto que, nas rodas sociais, torna-se fácil descobrir quem faz psicanálise (será psicanálise?!...).

Neste ponto, analista e analisando parecem colaborar para o mau uso da teoria, embora uma ressalva possa ser feita — que responsabilidade pode caber ao analisando nestas questões? Por algum motivo é analisando e até que ponto o seu bom-senso, quando pos-

sui algum, pode resistir à autoridade analítica? De um lado notamos que o mesmo fica esperando ouvir determinadas explicações e interpretações. As obras chamadas de “divulgação” aí estão, e têm um contingente grande de leitores. A conversa torna-se viada, as interpretações induzidas. Insegurança, complexo, perseguição, mãe e pai, situações familiares, tornam-se elementos seguros para o entendimento. O jargão psicanalítico, hoje, faz parte da conversa rotineira; uma conversa franca e de bom senso é substituída por um diálogo postiço, impregnado dos chamados “elementos da transferência”. Estes constituem-se numa intromissão, e a conversa torna-se falsa, uma mentira carinhosamente cultivada.

Hoje, a Psicanálise é poderosa. Ela está aí, impregnando todos os ramos do conhecer humano. Está presente nas escolas, nas fábricas, nos escritórios, nos bancos, na política, na propaganda, nas televisões. Ela, e seus símiles, são valorizados — uma espécie de pináculo do conhecimento, porque assume mil formas capazes de tudo explicar. Virou uma nova doutrina religiosa. Nenhuma relação pode ser explicada sem a Psicanálise — e a linguagem preferida é a linguagem da transferência.

Poderíamos pensar que o exposto não tem especificidade em relação às teorias com que nos estamos ocupando; valeria para qualquer outra teoria psicanalítica — estamos em acordo com essa assertiva, pois qualquer teoria é passível de distorções ou de desempenhar um papel restritivo em seu campo de aplicação. Mas, parece que as teorias da transferência e contratransferência são sedutoras e propiciam um estado de espírito em que povoamos nossa mente com um “saber” de analogias e mitos, onde as lembranças da história passada funcionam como a bússola dos navegantes: indicam a rota e o destino de um porto seguro.

Há pouco tempo um de nós ouviu em seu consultório: “. . . meu pai disse-me que o analista dele falou que sou controlador como ele; que ele se dá conta de como vivo especulando, porque também o meu pai é especulador. O analista conhece bem o meu pai e por isso pode perceber como sou. Mas também fiz ponto. Vi que após a última discussão com meu pai ele ficou muito zangado. Aí, eu vi o olhar dele. O mesmo olhar com que ele olha para minha mãe. Eu tinha me comportado como ela, quando briguei com ele. Então, eu disse a meu pai que seu ódio não era

por mim, mas dirigido a um comportamento de minha mãe. Ele sorriu e a briga passou, porque ficamos entendendo a raiva...”.

Muitas leituras poderemos fazer deste trecho. O uso particular que fazemos dele agora é para ilustrar como a Psicanálise, praticamente resumida, englobada e despojada por uma distorção da teoria da transferência, se infiltra na linguagem quotidiana e todas as relações passam a ser explicadas por seu intermédio. A linguagem coloquial passa a ser impregnada deste conhecimento enlaidado e todas as relações são decorrentes destas “semelhanças”. Os analisandos não podem viver, observar e aprender da experiência, porque o aprendizado é substituído pela aquisição de saber institucionalizado. O pensamento está coartado, o desenvolvimento impedido porque o diálogo, veículo de novos conhecimentos, não se realiza, porque o hábito e a capacidade para observar, pensar e abranger novos fatos e afetos é substituído por esta ânsia de tudo explicar e de tudo relacionar com as “histórias” do indivíduo.

Podemos observar, em trabalhos analíticos, e ouvir, em seminários e supervisões, que a “transferência” e a “contratransferência”, como aí estão colocadas, tornaram-se entidades, objetos que são manipulados, trocados, que têm existência e que permeiam a mente e a conversa das pessoas. É fácil, para o analista, ser pai, mãe, avô, avó, para não dizer fezes, seios e pênis — o difícil é assumir e suportar sua ignorância e sua pequenez frente ao mistério da mente humana; e o tentar livrar-se desta dolorosa posição, muitas vezes nos leva a um linguajar desfigurado e postiço, tal como uma dentadura que não substitui os próprios dentes, repetitivo, com o agravante de, muitas vezes, amparar-se em autores de renome. O que seria um elemento para pensar, um fator a mais para a compreensão dos indivíduos, e desta experiência inolvidável, muitas vezes impregnada de encanto, que está diante de nossos olhos — o encontro de duas pessoas para odiar ou amar — passa despercebido.

À primeira vista, pareceria que estamos ressaltando o ponto de vista ingênuo de que problemas amplos e complexos, urdidos na trama enredada dos conflitos humanos, se explicariam por um “simples descuido” ou “pequena distorção” do emprego de teorias analíticas. Nossa própria visão analítica nos impede de tal enfoque simplista e otimista — descuidos são fáceis de serem superados e como seria bom que os problemas, para os quais estamos

tentando chamar atenção, pudessem enfrentar-se, e quiçá resolver, com estas “conversas ao pé do fogo”.

Para nós, estes problemas têm causas múltiplas e profundas, enquistadas no âmago de nossas personalidades, relacionadas à “doença” existente em cada um de nós. Aqui, nos referimos às “partes psicóticas de nossas personalidades” (à falta de melhor expressão), onde avultam os anseios de sermos como Deus, a crença absoluta no poder e na veracidade de nossos pensamentos, que impedem uma real e humilde compreensão da função das teorias em Psicanálise. E pensamos que elas não podem ser alienantes, obstrutoras do conhecimento; o analista não pode utilizá-las para realizar os anseios dos analisandos de tudo poder e nada sofrer — nem os seus próprios de possuir um poder ilimitado e um conhecimento da mente e do ser humano que prescindia do mistério, das trevas, da ignorância e do encantamento.

Achamos que se passam muitos anos para aprendermos que a experiência psicanalítica é muito diferente das teorias que lemos, ouvimos, repetimos e ensinamos. Estas, são um dos meios que possuímos para esclarecer algo, para comunicar e discutir as experiências de relação observadas na prática. Mais amplas ou mais restritas, mais próximas ou mais afastadas, mais ou menos esclarecedoras dos fatos, nunca são um retrato fiel dos mesmos e nunca permitem o seu total e final conhecimento. Desta forma nunca poderão substituir e também não devem interferir numa conversa reflexiva onde a paciência, o dom de esperar e conter a ignorância, e a esperança, se juntam para propiciar um momento raro e fugaz, criativo.

Isto é muito difícil de alcançar-se. Certa vez uma paciente contou um sonho. Todo analista vive muito tempo acompanhado de Freud, e poucos analisandos sabem que, freqüentemente, numa sessão somos três ou mais, e quase nunca apenas os dois do acordo inicial. Ora, a paciente contou um sonho. Um sonho difícil, complicado, cheio de detalhes. Havia uma palavra sugestiva que, com pequena modificação, trazia a “chave”, o “esclarecimento”; apenas se fosse acrescida de uma vogal. Esta vogal transformava a palavra no nome de um colega conhecido, querido, e também conhecido do analisando. Não houve dúvidas — colocados a vogal e a “interpretação transferencial”. Mas como é bom termos analisando de bom senso! — pois ouvimos de uma voz desani-

mada “Ah! essa não! isto até parece Freud!” E tinha razão. E quem de nós não viveu situações parecidas? Para o problemático dessas situações, no relacionamento analítico, é que estamos tentando despertar a atenção. Usando mal a teoria da transferência, foi anulada a investigação, a possibilidade de vir a saber; a experiência emocionante transformou-se em coisa insípida, repetitiva, isenta de mistério e do calor de coisa viva.

E o que resulta destas situações? Uma dependência mútua, em que duas pessoas preenchem funções específicas, uma em relação à outra, para que mentindo não vejam nada mais do que aquilo que já é sabido, conhecido, em função da criação de um estado de tranqüilidade que caracteriza o falso sábio. Isto não é desenvolvimento e essa hora psicanalítica não gera desenvolvimento, mas gera cura, ilusão, dogmas, sabedoria e poder.

III

Outro ponto que também desejamos considerar, ainda nesta linha de desenvolvimento de pensamento (problemas resultantes de usos distorcidos e restritivos das teorias em questão), é o das emoções dos analistas.

Por vezes parece haver um desejo, entre analistas, de se tornarem inumanos. Suas emoções são rotuladas de “doença” e como tal devem, por sua vez, ser tratadas por outro analista. Os analistas se sentem amedrontados, culpados, imperfeitos, ao aceitarem suas emoções e afetos e, mais ainda, temerosos de proclamá-las ou escrever sobre elas. Acreditamos mesmo que a tentativa de negá-las, e recalá-las, resulta numa situação falsa, prejudicial e provavelmente mutiladora da capacidade de observação e muitas vezes impulsora de um rebaixamento da sensibilidade do analista.

Não acreditamos que possa o analista bem formado e desenvolvido isentar-se de sentir e emocionar-se. Isto é próprio da condição humana e numa conversa analítica precisamos, a bem da verdade, nos pormos por inteiro. Um de nós não poderia ficar isento de qualquer emoção quando, diante de si, uma menina, com quem trabalhou durante muitos anos, dizia: “Mas não é triste mesmo a minha vida? Nasci sem pai. Me levaram e me deixaram numa fazenda. Depois, quando me acostumava, me levaram outra vez. Não sei como é minha mãe. Não sei de meu pai. Tenho outra

mãe e outro pai. Mas... é aquela mãe... É triste mesmo viver assim..." E vê uma criança chorando ao perceber toda sua tragédia. Recorda-se que foi também agredido por ela, teve raiva, se odiaram. Isso tudo é uma experiência, e não podemos nos conceber frios, isentos de emoções, porque desempenhamos o papel do analista. Sabemos que tudo aquilo descrito tem um significado para os dois, e, mais ainda, acreditamos que mediante estas emoções cada experiência, com aqueles que permanecem conosco anos a fio, se torna enriquecedora de nosso cabedal humano.

Se trazemos estes problemas é porque uma atitude assim, que se pretende isenta de sentimentos, procurada e perseguida por tantos de nós, ou por nós mesmos em tantos momentos, é outro aspecto obstrutivo do desenvolvimento da relação e do seu conhecimento, muito grave e de difícil superação. Pois nos despe dos elementos essenciais para suportar essa árdua função psicanalítica que, em sua plenitude, exige de nós a possibilidade de nos dispormos a ouvir, observar, sofrer e nos engajar numa experiência quase sempre dolorosa, ainda que encantadora, e que nos leva, quando permitimos, ao âmago de nós mesmos e de outro ser humano.

Aqui perguntaríamos se aqueles fatores de arrogância, onipotência, onisciência, rivalidade e inveja, que tantas vezes detectamos em nossos analisandos, não estariam, nestes momentos, em nós atuando e interferindo na gênese destes "usos distorcidos de teorias", nos levando a crer que problemas humanos existem apenas naqueles que estão deitados nos divãs.

IV

Numa avaliação mais apressada pareceria que nos estendemos em dois pontos de significação relativa, ou secundária, para a ciência psicanalítica.

Um primeiro seria o de que fizemos uma pregação religioso-messiânica sobre o "bom" uso das teorias de transferência e contratransferência, para exorcizar seu "mau" uso. Uma leitura possível de nossa contribuição, para a qual não oferecemos qualquer alternativa, a não ser nossa descrença de "conselhos" e "pregações" e o respeito que temos pela condição analítica de nossos colegas.

O segundo — e nos angustia mais significativo e nele nos estenderemos — é o de que talvez estivéssemos lidando com problemas individuais de analistas e não com problemas da ciência psicanalítica; e isso em parte é verdadeiro. Mas ser analista implica em não se aceitar ou se conformar com as primeiras respostas, ou com respostas parciais, ou mais evidentes, mais simples ou mais cômodas. Porque, quando verificamos que se difunde a estratificação do conhecimento, a rigidez dos conceitos, o uso indiscriminado e abusivo das teorias, o saber arrogante, e o progresso é obstruído, aí temos um problema que foge ao âmbito do individual e sobre o qual compete à ciência se debruçar.

Nossa prática psicanalítica consiste num constante defrontar-se com *situações* ou *experiências-problemas*. Nossas teorias representam algumas respostas ou *algumas soluções para nossos problemas*, oferecidas pelos luminares de nossas artes. Mas parece chegado o momento — ou esse não é um momento sempre presente e necessário no evoluir de uma ciência? — de nos ocuparmos também com os *problemas das nossas soluções*, e foi isso que tentamos realizar.

E neste ponto retomamos a questão da “Psicanálise atual”, sugerindo a nossa leitura como uma leitura que nos parece criativa para esse termo. Diríamos, então, que a Psicanálise, ou qualquer ciência, é atual quando consegue debruçar-se sobre os problemas de suas soluções, se questionando, se criticando, se interrogando continuamente. Não será portanto um sinônimo de contemporâneo — sua atualidade estará em qualquer época porque transcende o tempo.

Quando Freud, em 1914, em “On Narcissism: an Introduction” (The Standard Edition, Vol. XIV, pág. 77), discute a observação como base da ciência empírica e o quanto descartáveis são suas teorias em função dessa mesma observação, está, a nosso ver, fazendo “Psicanálise atual”, pela permanente força criativa de suas idéias. Mas se, em 1977, simplesmente o repetimos como “saber”, como “conhecimento instituído”, sem perseguir os fatos com a mesma insistência com que nos ensinou, parece-nos então que perdemos a sua e nossa atualidade — apenas nos fossilizamos e o fossilizamos.

E é com essa “atualidade” que estamos preocupados — a do constante debruçar-se nos problemas de nossas soluções. Uma

questão que se torna mais complicada quando nos lembramos do papel obstrutivo das teorias, principalmente das boas teorias, fato sobejamente conhecido.

Tendo sido esse nosso enfoque, e a preocupação que procuramos transmitir, talvez tenhamos chegado ao ponto de poder acrescentar que é com essa “patologia” que estamos preocupados (tanto em relação a estas como outras teorias psicanalíticas), sendo essa “patologia” que gostaríamos de trazer para o centro de nosso discurso. A “patologia” da distorção do conceito, a “patologia” da ampliação excessiva da teoria, a “patologia” de sua aplicação inadequada, a “patologia” da mesma como resposta final, completa e absoluta (como uma *solução sem problemas*), que nos empurra para os sectarismos e dissidências, enfim a “patologia da Psicanálise arrogante”

V

Se abordamos o tema não sabemos ao certo. Esta é nossa contribuição — a contribuição que podemos dar. O que poderia ser, não sabemos... Podemos dizer apenas, repetindo o poeta

“Este verso, *apenas um arabesco*
em torno do elemento essencial-inatingível.

Fogem nuvens no verão, passam aves, navios, ondas
e o teu rosto é quase um espelho onde brinca o incerto

[movimento,

ai! já brincou, e tudo se fez imóvel, quantidades e quantidades
de sono se depositam sobre uma terra esfacelada.

Não mais o desejo de explicar, e múltiplas palavras em feixe
Subindo e o espírito que escolhe, o olho que visita, a música
feita de depurações e depurações, a delicada modelagem
de um cristal de mil suspiros límpidos e frígidos; não mais
que um arabesco, apenas um arabesco
abraça as coisas, sem reduzi-las

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
Fragilidade — A rosa do povo

Os autores começam por questionar as proposições do tema: "Patologia da Transferência" e "Psicanálise Atual".

Acreditando que, na proposição, "transferência" e "contratransferência" foram tomadas, como freqüentemente vemos na linguagem psicanalítica, como termos que abrangem todos os fenômenos da relação bipessoal, estabelecida entre analisando e analista, os autores levantam o seguinte problema: se as teorias da transferência e da contratransferência são capazes de conter (e explicar) todos os fenômenos da relação bipessoal. Aos autores, parece que é um ponto de vista muito restritivo, e que propicia uma confusão, freqüentemente observada, de que a relação não é mais tomada como tal, mas sim, concretamente, em termos de uma das teorias que tenta esclarecê-la, seja como transferência ou contratransferência.

Afirmam os autores que, do seu ponto de vista, a sessão psicanalítica se estrutura em torno da observação das experiências emocionais desencadeadas pelo encontro pessoal entre dois indivíduos que se dispõem a observar, investigar e refletir sobre o significado destas experiências, alcançando conhecimento sobre as mesmas. Deste ponto de vista, passam a examinar as limitações e distorções que o uso destas teorias pode trazer à compreensão do relacionamento analisando-analista.

S U M M A R Y

*"... Just an Arabesque Around the Essential
Unattainable Element..."*

*(Contribution to the theme: Pathology of the Transference
and the Counter-Transference)*

The authors start by questioning the propositions of the theme: "transference pathology" and "present psychoanalysis". Believing that in the proposition terms such as "transference" and "counter-transference", have been considered as involving all the phenomenon of the bi-personal relation established between the analysand and the analyst, as we often see in the psychoanalytic language, and the authors raise the following question: are the transference and counter-transference theories able to contain (and explain) all the phenomena of the bi-personal relation? To the authors, this seems to be a very restrictive point of view which causes the confusion, often observed, that the relation is not considered as it is, but specially as one of the theories that try to clarify it being it transference or counter-transference.

The authors affirm that the psychoanalytic session is structured on the basis of observations of emotional experiences which take place when two individuals meet, personally, and are ready to investigate and reflect on the meaning of such experiences, thus reaching comprehension of same. Based on this point of view, they start to examine the limitations and distortions that the use of such theories can bring for the understanding of the relationship analisand-analyst.

Referências Bibliográficas

1. FREUD, S. — *Técnica Psicanalítica* — vol. II — págs. 321 e 350 — Obras Completas — Ed. Biblioteca Nueva, Madrid — 1948.
——— *On Narcissism: an Introduction* — The Standard Edition, Vol. XIV, pág. 77.
2. DRUMMOND DE ANDRADE, CARLOS — *Poesia até agora* — Livraria José Olympio Editora — 1948.
3. FERRÃO, LAERTES MOURA — Avaliação da Interpretação — Rev. bras. Psicanál., 6: 197-204, 1972.